



**ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA**  
INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO

**CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS  
PASTAGENS SOB COBERTO DE SOBRO  
NOS CONCELHOS DE CASTELO BRAN-  
CO E IDANHA-A-NOVA**

Trabalho final do  
curso de Produção Animal

LIDIA ROSA LÂ BRANCA CARRILHO

CASTELO BRANCO 1987

## ÍNDICE

	Pags.
1. INTRODUÇÃO	4
2. DESCRIÇÃO DO TRABALHO, MATERIAL E MÉTODOS	6
3. O MONTADO DE SOBRO	
3.1. O SOBREIRO: CLIMA E SOLO	7
3.2. O MONTADO DE SOBRO EM PORTUGAL	10
3.2.1. NO CONTINENTE EM GERAL	10
3.2.2. NOS CONCELHOS DE CASTELO BRANCO E IDANHA A NOVA	15
3.3. A FLORESTA DE SOBRO E AS PASTAGENS	16
4. A PASTAGEM DE SEQUEIRO MEDITERRÂNICA	
4.1. CARACTERÍSTICAS	19
4.2. MANEIO	21
4.2.1. ESPÉCIE ANIMAL	21
4.2.2. ENCABEÇAMENTO	22
4.2.3. SISTEMA DE PASTOREIO	22
4.2.4. CERCAS E BARRAGENS	23
5. CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO	
5.1. SOLOS	24
5.1.1. GENERALIDADES	24
5.1.2. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE MANCHAS	25
5.2. CLIMA	26
5.2.1. GENERALIDADES	26
5.2.2. TEMPERATURA	28
5.2.3. PRECIPITAÇÃO	31
5.2.4. GEADA	33
5.2.5. INCLUSAÇÃO	33
5.2.6. OUTROS FENÓMENOS	34
5.2.7. CLASSIFICAÇÃO CLIMÁTICA SEGUNDO O MÉTODO DE THORNTHWAITE-MATTER	35
5.3. ASPECTOS GÉO-ECONÓMICOS	37

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	
6.1 CARACTERIZAÇÃO DAS EXPLORAÇÕES	38
6.2. MANEIO DAS PASTAGENS E DE PASTOREIO	39
6.3. ELECCO E ANÁLISE FLORÍSTICA	45
6.4. AMOSTRAS DE SOLO	50
7. CONCLUSÕES	51
BIBLIOGRAFIA	52
AGRADECIMENTO	
ANEXO	

## INTRODUÇÃO

Razões políticas, económicas e sociais estiveram na base da incorrecta utilização do solo que ao longo dos anos se foi verificando em Portugal.

A política para a produção de cereais praganosos foi uma das medidas mais recentes (a partir da década de trinta) e que levou não só ao alargamento da área de cultivo destas espécies para terrenos cuja capacidade de uso não era a mais indicada (pequena espessura efectiva, más condições de drenagem e em alguns casos problemas de erosão) (Crespo, 1970) como também ao encurtamento das rotações e redução do tempo de pousio (Almeida *et al.*, 1976). O resultado: a diminuição da fertilidade, o empobrecimento do solo.

O clima mediterrânico, com grandes variações anuais (principalmente na regularidade da Primavera) fez com que se juntasse a esta degradação do solo (porque as chuvas caem na altura em que as plantas ainda não cresceram de maneira a impedir o arrastamento das partículas mais finas, nomeadamente quando o relevo é acentuado) as baixas produções unitárias (Moreira, 1980).

Paralelamente, a área de pastagens foi reduzida e o gado mantido com a erva espontânea dos pousios ou zonas incultas (Crespo, 1976), geralmente de baixa qualidade, palha e restolho (Crespo, 1970). Assim, os encabeçamentos são baixos (Crespo, 1970), as necessidades alimentares dos animais não são satisfeitas e é preciso recorrer à importação de carne (Crespo, 1970).

Em resumo pode dizer-se que os solos estão degradados, a produção agrícola e pecuária é pequena. Por outro lado, as características climáticas de sequeiro mediterrânico obrigam a que, em grandes extensões de terra, a forma de restituir a fertilidade destes solos e aumentar as produções seja a reflorestação e a implantação de pastagens (Beliz, 1966; Moreira, 1980).

Estas últimas quando consociadas com a floresta permitem um acréscimo das vantagens: o sistema radicular das árvores, por ser mais profundamente, explora camadas de solo inferiores e remove até à superfície as bases que juntamente com a maior percentagem de matéria orgânica, permitirão o aumento da capacidade de troca catiónica (Salgueiro, 1966).

Isto verifica-se desde que o coberto arbóreo não constitua um entrave ao desenvolvimento herbáceo. Neste caso estão os montados de sobro (Salgueiro, 1966).

Mas a sementeira de pastagens nem sempre constitui um êxito. Factores climáticos como a irregular distribuição da precipitação e a formação de geada, a não desinfestação das parcelas (cardos, estevas, saragaços) ou a má execução do pastoreio (falta de oportunidade na altura de passagem dos animais no campo) condicionam a germinação das sementes ou a persistência das espécies semeadas (Potes, 1982).

Por isto se começa a pensar no aproveitamento da flora espontânea onde algumas espécies existem com considerável valor nutritivo (Potes, 1982). Destas destacam-se alguns trevos, luzernas, serradelas, várias gramíneas bem como espécies do género Rumex, Chamaemelum, Crysantemus, Carduz e Rhaphanus (Potes, 1982).